

que só esqueceu de botar um Príncipe Encantado no final.

— Aho que não foi ele — disse Dona Branca. — Vai ver foram Wilhelm e Jacob, os irmãos Grimm, aqueles dois alemãezinhos adoráveis que contaram minhas aventuras de modo tão sensacional...

— Os Grimm? Não, não foram eles — introneteu-se Dona Bela-Fera. — Não terá sido Andersen? — Hans Christian Andersen, o sapateiro? Não, vai ver foi Esopo.

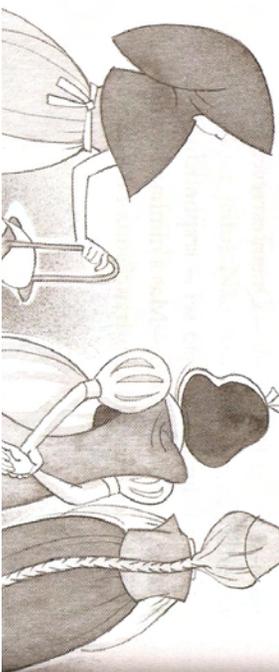


• CHARLES PERRAULT •



• JACOB GRIMM •

• WILHELM GRIMM •



• H.C. ANDERSEN •



• JEAN DE LA FONTAINE •



• MONTEMIRO LOBATO •



ESOPO

— Muito antigo. Na certa, foi La Fontaine.

— Talvez tenha sido Lobato...

— O do Sítio do Picapau Amarelo? Já estive lá. Não foi ele não.

Dona Branca era a dona do castelo e era também quem tomava as decisões.

— Descobrir onde foi parar a Feitirinha não é tarefa para nós, meninas — resolveu ela, tocando a campainha de chamar lacaio. — Isso é trabalho para quem nos inventa. É trabalho para um Autor!

Foi assim que Caio, o lacaio, ficou encarregado de descobrir os grandes autores de contos de fada. Só que não conseguiu encontrar nenhum Perrault, nenhum Lobato, nenhum Grimm, nenhum La Fontaine; e acabou no meu apartamento, interrompendo minha tarefa de apontar lápis.

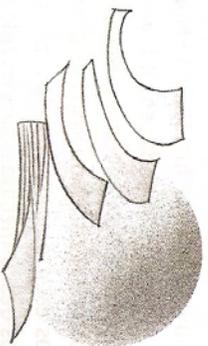
– Hum... – observei eu, com um sorriso. – Quer dizer que você resolveu me procurar como o melhor autor de contos de fada?

– Não – respondeu Caio, o lacaio. – Como o único que eu encontrei.



46

CAPÍTULO ZERO E CINCO SEXTOS



E lá estava eu com um grande problema nas mãos. Para um autor, criar uma personagem faz parte do ofício, mas descobrir uma heroína desaparecida dos reinos encantados era um desafio que eu não sabia como enfrentar.

Só que eu não me lembrava da história da Feurinha. Não me lembrava nem de ter ouvido falar nessa princesa antes de receber a visita vermelha e amarela de Caio, o lacaio.

E olhe que eu pensava já ter lido todos os contos de fada, fora os que me contava minha falecida avó. E eu os lia e relia mesmo adulto, sem vergonha de confessá-lo. Tinha até arranjado uma capa de um livro bem sério, bem adulto, desses difíceis de ler. Dentro dessa capa, eu colocava um livro de histórias da carochinha e lia até na sala de espera do dentista. Isso deixava as pessoas muito impressionadas. Ali estava um sujeito que era capaz de ler coisas sérias até mesmo

47

antes de uma obturação.

Mas eu não me lembrava de jamais ter lido ou ouvido falar da história da Feurinha.

Procurei em todas as bibliotecas e coleções particulares, mas não encontrei nem sombra de uma personagem chamada Feurinha. Falei com todos os escritores conhecidos que pude, escrevi para os desconhecidos, para os folcloristas, para os bibliotecários e historiadores do mundo inteiro, mas a resposta era sempre a mesma:

– Uglylili? Never heard about...

– Feiça? Jamás oí hablar...

– Petite vilaine? Je n'ai jamais entendu parler de ça...

– Bruttezzina? Non ne ho mai sentito parlare...

– Feurinha? Nunca ouvi falar...

Caio, o lacaio, não saía de perto de mim, aguardando a solução do mistério que era ansiosamente esperada pelas princesas, lá nos distantes reinos encantados. Caio tentava me ajudar, como um bom lacaio, mas sua experiência como qualquer coisa além de lacaio era nula, e ele só atrapalhava. Acabei por mandá-lo ajudar a velha Jerusa nas tarefas domésticas. Jerusa era gorda e resmungona, mas era ótima pessoa e acabou aceitando a ajuda daquele sujeito esquisitíssimo que parecia vestido para um baile de carnaval.

As princesas, porém, começaram a perder a paciência.

Foi assim que, um dia, tocou a campainha e entrou-me pela sala uma senhora muito bonita ainda, de pele muito clara e claramente grávida.

Caio perfilou-se imediatamente e anunciou com solenidade:

– A Senhora Princesa Branca Encantado!

Branca de Nevel! Ali, na minha frente! É claro que um pouco mais velha e ligeiramente mais gorda, mas ainda a grande, a incomparável Branca de Nevel!



Meu queixo caiu. Até ali, eu aceitara a tarefa proposta pelo lacaio, não por acreditar nele, mas pela emoção inusitada de perseguir a alucinação de um louco. Mas a coisa agora tinha mudado de figura, pois até eu, com toda a minha segurança e maturidade, tinha de reconhecer que aquela só poderia ser, sem sombra de dúvida, a verdadeira Branca de Neve, só que um pouquinho mais velha e mais grávida.

Meu queixo ainda estava caído quando Branca de Neve, ou melhor, a Senhora Princesa Branca Encantado, perguntou para o lacaio Caio:

– É este o Autor?
– Sim, senhora – respondeu Caio, o lacaio. – É este o Autor.

– Você não poderia ter arranjado coisa melhor?
– Tentei, senhora, mas só havia este disponível.

– Então temos de nos arranjar com ele mesmo.
Branca de Neve voltou para mim aqueles lindos olhos negros que haviam virado a cabeça do mais elegante dos príncipes:

– E então, senhor Autor? Já encontrou a Feiurinha?

Como eu ainda estivesse mudo pela surpresa, Dona Branca Encantado veio em meu auxílio:

– Pare de ficar com a boca aberta feito um palerma e responda à minha pergunta. Encontrou

ou não encontrou a Feiurinha?

– Eu... bem... – balbuciei a custo. – Estou investigando. E já há progressos consideráveis...

– Muito bem – prosseguiu ela, decidida. – O que já conseguiu?

– Bom, quer dizer... até o momento...

– Seja claro!

– Até o momento, pouca coisa, na verdade...

– Pouca coisa? O que descobriu, afinal?



– De concreto nada, mas...

Branca de Neve enfureceu-se:

– Senhor Autor, acho que meu lacaio não foi bem claro. Feiurinha é uma heroína dos contos de fada, como eu, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e tantas outras. É uma de nós. Mas desapareceu, mesmo tendo terminado a história dela com a promessa de ser feliz para sempre. O senhor sabe o que isso significa? Significa que não

há mais garantias de felicidade nem de eternidade para qualquer heroína. Significa que, a qualquer hora, qualquer uma de nós poderá desaparecer! E o senhor diz que não encontrou nada ainda!

– Bem, senhora, é que...

Fui salvo pela campainha. Todas juntas, uma senhora de chapéu vermelho, mais cinco princesas grávidas e de meia-idade entraram pela minha sala, todas devidamente anunciadas pelo Caio e todas ansiosas pela solução que eu ainda não havia encontrado.

Todas elas! Todas as heroínas da minha infância, em carne e osso! Eu as reconheci imediatamente, mas a minha alegria por conhecê-las foi superada pelo meu remorso em não ter ainda podido livrá-las da aflição que as perseguia.



CAPÍTULO ZERO, CINCO SEXTOS E TANTO

Nos dias que se seguiram, minha vida tornou-se, no mínimo, original. Todos os dias eu saía à rua em busca da pista da Feurinha, procurando vovós contadoras de histórias e pesquisando os mais empoeirados arquivos. Exausto, sem qualquer progresso, voltava para o apartamento na certeza de encontrar as seis princesas, mais Chapuzzinho e mais um lacaio colorido, todos nervosos à espera de novidades.

Jerusa pareceu não acreditar que todas aquelas sete mulheres eram minhas primas do interior, mas acabou se conformando, mesmo depois de descobrir que se tratava das mais famosas princesas de todos os tempos. Ela era velha o bastante para entender tudo. Já tinha vivido muito, e já fora obrigada a engolir absurdos maiores.

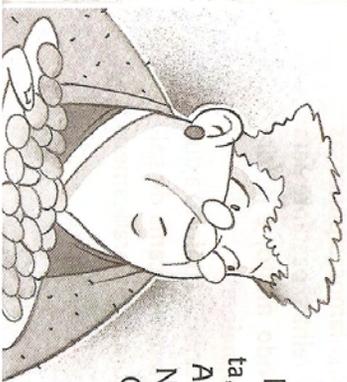
As princesas tinham esquecido o conforto a que sua posição dava direito. Na minha cama de solteiro, dormia Dona Bela Adormecida praticamen-

te o tempo todo. Dona Rosafior, Dona Bela-Fera, Dona Rapunzel e Dona Cinderela ocupavam o sofá e as duas poltronas. Dona Chapeuzinho, Dona Branca e Caio, o lacaio, não saíam do meu pequeno escritório. Jerusa dormia no seu quarto e não aceitou dividi-lo com princesa nenhuma. E eu? Eu dormia debruçado sobre minha mesa de trabalho, depois de cada dia sem qualquer resultado positivo.

E as Bodas de Prata das minhas hóspedes chegaram. Graças à iniciativa da Jerusa, mas sem as presenças dos príncipes encantados nem dos príncipezinhos, organizamos uma festinha, com bolo, champanhe e tudo mais.

Mas a festa foi um fracasso. Nenhuma das princesas estava para comemorações. Já não mais me cobravam resultados quando me viam voltar para casa. Limitavam-se a dar uma olhada no meu aspecto, na minha expressão de derrota, e baixavam novamente os olhos.

Por tudo isso, a festa das Bodas de Prata de Cinderela, Rosafior Della Moura Torta, Bela-Fera, Rapunzel, Bela Adormecida e Branca de Neve parecia um velório. Eu, Chapeuzinho Vermelho,



Caio e Jerusa não fazíamos boda nenhuma, éramos convidados. Dez pessoas num pequeno apartamento, desanimadas, desoladas, cada uma esperando o momento em que outra daquelas heroínas desapareceria, quebraria uma perra, prenderia o dedo numa porta ou morreria afogada na banheira.

Eu também esperava por um desastre daqueles quando a campainha tocou. Corri para a porta com uma última esperança. Quem sabe não seria justamente no momento das Bodas de Prata das minhas queridas heroínas que aquele mistério se desvendaria?

Era um telegrama. Abri-o rapidamente, quase rasgando o papel, e soltei uma exclamação:

– Aqui está! Afinal uma resposta que vale a pena!

Correram todos e me cercaram avidamente.

– O que diz?

– Bem... – gaguejei, meio atrapalhado. – Está em língua estrangeira. É preciso traduzir primeiro. Mas sem dúvida é uma pista valiosa.

Dona Chapuzzinho enfiou a cabeça por cima do meu ombro:

– Hum... francês não é. Acho que é alemão.

– Alemão? – exclamou Dona Branca. – Minha história é alemã. Alemão eu conheço. Dá isso aqui,

Arrancou o telegrama da minha mão e leu alto:

– Miesslienchen? Hab nie davon gehört...

Seus braços caíram ao longo do corpo, amassando o telegrama.

Cinderela perguntou:

– Vamos, Branca, fala logo. O que diz o telegrama?

Dona Branca não olhou para Cinderela. Olhou para mim, pálida e decepcionada, acusando-me. Seu olhar seria de ódio se ódio coubesse em seu coração.

– Aqui diz: “Feiurinha? Nunca ouvi falar disso...”

– Exatamente como os outros – suspirou Dona Bela-Fera.



Eu não sabia o que dizer, mas precisava dizer alguma coisa. Mais para mim mesmo do que para as minhas hóspedes.

– Eu... tinha tanta esperança! Esta é a resposta de um eminente especialista de Berlim...

Dona Branca baixou a cabeça e escondeu o rosto nas mãos, chorando sobre o telegrama.

Você imagina o que é ter, de repente, a verdadeira Branca de Neve chorando no meio da sua sala? Corri para ela e peguei sua pequenina mão.

– Oh, senhora, não chore! Não há razão para chorar. Eu juro que hei de encontrar Feiurinha, nem que leve...

– A vida inteira? – interrompeu ela aos soluços. – Ai não vai adiantar mais. Nós todas teremos desaparecido. Eu também. Eu terei desaparecido para sempre, junto com os Anõesinhos, com a Bruxa, com o Príncipe e até com o Espelho Mágico!

Não sabia como consolá-la, mas precisava consolá-la. Não podia deixar aquela heroína maravilhosa chorando por minha causa.

– Nada disso. Branca de Neve! Você jamais desaparecerá. Você é eterna como o Sol, como a Lua! Sua história foi escrita e reescrita pelos maiores artistas da Humanidade e é lida todos os dias por milhões de crianças no mundo todo, o tempo

todo. Você está viva nas risadas das crianças, nas narrativas das vovós, na memória de adultos como eu que jamais negaremos a beleza da sua história!

Vagarosamente, Branca de Neve levantou a cabeça e dirigiu seu olhar para o meu. Sua face clara estava molhada pelas lágrimas, mas ela não mais chorava. Olhamo-nos nos olhos e ambos compreendemos ao mesmo tempo.

Compreendemos tudo.

Não. Branca de Neve jamais desapareceria, assim como Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Bela-Fera ou Rosalinda Della Moura Torta. Elas tinham sido eternizadas nos livros pelos maiores artistas do mundo e suas vidas se renovavam todos os dias quando os livros se abriam na frente de novas crianças, prontas a rir, a chorar e a se emocionar com suas aventuras.

Estava desvendado o mistério. Feiurinha desaparecera porque ninguém havia escrito sua história, porque suas aventuras não se eternizavam através dos séculos nas risadas e nas emoções das crianças.

Feliz! Agora eu, as seis princesas, Chapeuzinho e Caio estávamos felizes e pusemo-nos a dançar, a pular, a rir loucamente.

Eu não sabia o que dizer, mas precisava dizer alguma coisa. Mais para mim mesmo do que para as minhas hóspedes.

– Eu... tinha tanta esperança! Esta é a resposta de um eminente especialista de Berlim...

Dona Branca baixou a cabeça e escondeu o rosto nas mãos, chorando sobre o telegrama.

Você imagina o que é ter, de repente, a verdadeira Branca de Neve chorando no meio da sua sala? Corri para ela e peguei sua pequenina mão.

– Oh, senhora, não chore! Não há razão para chorar. Eu juro que hei de encontrar Feiurinha, nem que leve...

– A vida inteira? – interrompeu ela aos soluços.

– Aí não vai adiantar mais. Nós todas teremos desaparecido. Eu também. Eu terei desaparecido para sempre, junto com os Anõezinhos, com a Bruxa, com o Príncipe e até com o Espelho Mágico!

Não sabia como consolá-la, mas precisava consolá-la. Não podia deixar aquela heroína maravilhosa chorando por minha causa.

– Nada disso, Branca de Neve! Você jamais desaparecerá. Você é eterna como o Sol, como a Lua! Sua história foi escrita e reescrita pelos maiores artistas da Humanidade e é lida todos os dias por milhões de crianças no mundo todo, o tempo

58

todo. Você está viva nas risadas das crianças, nas narrativas das vovós, na memória de adultos como eu que jamais negaremos a beleza da sua história!

Vagarosamente, Branca de Neve levantou a cabeça e dirigiu seu olhar para o meu. Sua face clara estava molhada pelas lágrimas, mas ela não mais chorava. Olhamo-nos nos olhos e ambos compreendemos ao mesmo tempo.

Compreendemos tudo.

Não. Branca de Neve jamais desapareceria, assim como Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Bela-Fera ou Rosafior Della Moura Torta. Elas tinham sido eternizadas nos livros pelos maiores artistas do mundo e suas vidas se renovavam todos os dias quando os livros se abriam na frente de novas crianças, prontas a rir, a chorar e a se emocionar com suas aventuras.

Estava desvendado o mistério. Feiurinha desaparecera porque ninguém havia escrito sua história, porque suas aventuras não se eternizavam através dos séculos nas risadas e nas emoções das crianças.

Feliz! Agora eu, as seis princesas, Chapeuzinho e Caio estávamos felizes e pusemo-nos a dançar, a pular, a rir loucamente.

59

CAPÍTULO ZERO, QUASE UM

– Feuirinha! – gritei eu. – Onde está você, Feuirinha? Quem é você, Princesa? Minha felicidade seria completa se eu pudesse descobrir você, Feuirinha!

A velha Jerusa tinha trazido suas banhas para a sala, para ver que alegria toda era aquela.

– Feuirinha? O senhor também conhece a Feuirinha?

A estranha dança parou na mesma hora e nove pares de olhos voltaram-se para Jerusa.

– Eh, que história boa, não é? – continuou ela, a sorrir. – Sempre foi a minha preferida quando minha avó reunia todo mundo pra contar histórias ao pé do fogo...



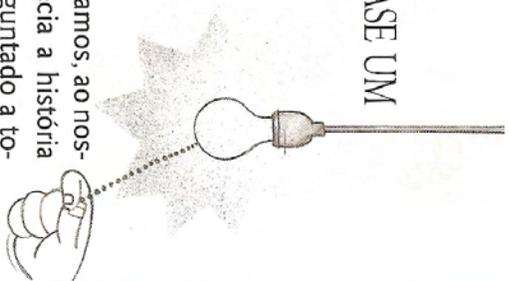
ois é. O tempo todo nós tínhamos, ao nosso lado, alguém que conhecia a história da Feuirinha. Tínhamos perguntado a todos, menos aos que estavam mais próximos. Procurávamos a verdade em todas as lonjuras, quando ela estava ao alcance da vista e nos servia o almoço todos os dias.

Jerusa sentou seus setenta anos no meio da sala, cercada pelas mais famosas heroínas de todos os sonhos. Elas, mais eu e Caio, os mais modestos, mal agüentávamos esperar.

– Ah, assim fico sem jeito... – queixou-se timidamente a boa Jerusa.

– Ora, Jerusa, deixe de bobagem! – comecei eu. Branca de Neve interrompeu o que eu ia dizer. Pegou as gordas mãos de Jerusa nas suas mãos pequeninas e beijou-as.

– Jerusa, por favor, conte pra nós. Só você pode trazer Feuirinha de volta.



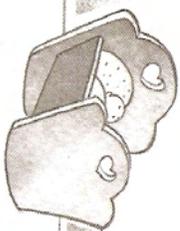


Jerusa não era de grandes letras e, talvez por isso mesmo, compreendeu muito bem o que era ter Branca de Neve a seus pés, beijando-lhe as mãos. Compreendeu que Branca de Neve, Feurinha e tantas outras faziam parte de si mesma como seu próprio sangue. Eram seu passado, sua cultura. Compreendeu que elas também faziam parte do sangue de todos, ricos e pobres, negros e brancos, nascidos e por nascer. Compreendeu e começou:

– A história da Feurinha é dos antigos. Quem me contou, há mais de sessenta anos atrás, foi minha avó, que também ouviu da avó dela. Era a minha história preferida, com perdão das princesinhas...

02

CAPÍTULO ZERO, MAIS QUE QUASE UM



Era uma vez, há muitos, muitos anos atrás, uma menina muito linda que acabara de nascer numa casa muito pobre, mas cheia de amor e felicidade.

Seu papai e sua mãe não tinham ainda escolhido um nominho para ela e ainda estavam discutindo que nome tiriam dar quando ouviram batidas na porta.

Pensando que eram visitas para o bebê, o pai abriu a porta. Não viu, porém, nenhum conhecido da aldeia. O que viu foram três mulheres muito feias e muito malvestidas que pediram para entrar e conhecer a menina. Na verdade aquelas eram três bruxas muito terríveis, chamadas Ruim, Malvada e Pioranda.

Inocentemente, o bom homem deixou as três entrarem.

No mesmo instante, com uma praga de bruxaria, as três paralisaram o pai e a mãe da menina.

03

Os dois ficaram como estátuas e, quando passou o efeito da praga, o bebê tinha desaparecido!

– Se essa menina é Feiurinha, que mania de desaparecer, não?

– Cala a boca, Chapeuzinho!

Coitados dos pais da menina! Choraram, procuraram, e continuaram a chorar e a procurar até não haver mais pista a seguir e até não haver mais lágrimas a derramar.

Mas ninguém poderia encontrar a filha deles. Ruim, Malvada e Piorainda tinham raptado a me-



nina e levado para muito longe, onde nem gente ou bicho teria coragem de ir. A menina seria criada com a sobrinha delas, a quem chamavam Belezinha e que era o bebê mais feio do mundo, pois já havia nascido birrolha, caspenta, com dente cariado e verruga no nariz.

Assim, a menina foi parar na casa das bruxas, um lugar em ruínas, uma choupana sórdida e lúgubre, longe de tudo e de todos, onde a pobrezinha cresceu junto às corujas, aos ratos e aos morcegos.

– Ela? – perguntou Cinderela. – Não se assustava com um lugar tão horrível?



Nem um pouquinho. Ela nunca tinha visto outro mundo, nem mais feio nem mais bonito. Aquilo era tudo o que ela conhecia, era o seu mundo e ela estava acostumada com todas aquelas barbaridades.

Só não era possível acostumar-se com as três bruxas. Como seus nomes, Ruim, Malvada e Pioraínda eram umas pestes. Logo que a menina cresceu, deixaram todo o trabalho da velha casa para ela. Mas a menina não se queixava disso. A única coisa que fazia com que seus dias fossem tristíssimos e as noites cheias de lágrimas era sua própria feiúra.

— Ei, espera aí, Jerusal! — protestou Dona Rapunzel. — Mas ela não era uma linda menina?

Era. Era a coisa mais linda que já tinha nascido e se tornara a mais linda jovem que qualquer mortal já viu. Mas ela não sabia disso. Só o que ela sabia era o que as bruxas lhe contavam:

— Ihhh! Você devia se envergonhar! — comentava Ruim. — Você é feia demais!

— É isso mesmo — acrescentava Malvada. — Nunca vi garota mais feia!

— Você é um horror! — completava Pioraínda. E punham-se a pular, a dar voltas em torno da

menina, a cutucá-la, a dar-lhe beliscões, a puxar-lhe os cabelos.

— Veja só os seus dentes! — provocava Ruim. — Todos iguaizinhos, brancos, enfileiradinhos como idiotasi!

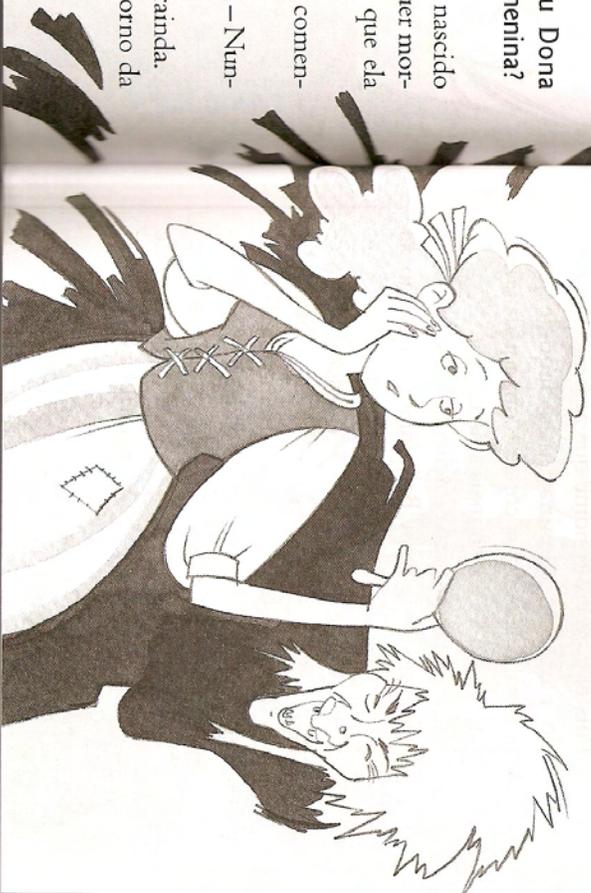
— Coisa horrerosal! — concordava Malvada.

— Não são como o nosso, que é único, escuro e cariado! — explicava Pioraínda.

A menina chorava, tentava desvencilhar-se, envergonhada, mas as bruxas insistiam:

— E seus cabelos, então? Louros e macios! Parecem uma seda nojental! — continuava Ruim.

— Coisa horrerosal! — apoiava Malvada.



— Agora veja só nossos cabelos! — completava Piorainda. — Isso sim que é coisa linda. São grossos, sujos, espetados e cheios de caspa!

— E piolhos! — acrescentava a bruxa Ruim. — Não se esqueça dos piolhos!

— E esse nariz? Retinho, pequeno e delicado!

— Coisa horrórosa!

— Os nossos sim, que são lindos! Veja só: enor-
mes, curvos, entugados, que chegam quase até o
queixo!

— É isso: você é mesmo um horror!

— Uma vergonha! Uma feiúra!

— Feiurinha! Feiurinha!

Pois é. Esse era o nome que as bruxas tinham
dado para uma menina linda daquele jeito:
Feiurinha! Ela, coitada, cresceu com aquele nome,
e sua vergonha cresceu mais ainda.

Vivia infeliz, mas sua infelicidade até que seria
suportável se não fosse Belezinha e a questão da
verruca.

Belezinha cresce-
ra uma bruxinha
tremenda de ruim-
dade, que não per-
dia ocasião de ator-
mentar a vida de
Feiurinha.



A horrorosa da Belezinha nunca cansava de fazer maldades e arreliar Feiurinha. Entornava o caldeirão quando a comida estava quase pronta, obrigando Feiurinha a cozinhar tudo de novo, enchia o colchão da menina com espinhos, e nunca esquecia de falar da verruga.

Ah, a verruga! Era a razão maior do complexo de feiúra da Feiurinha. A bruxinha e as três bruxas madrastas tinham enormes verrugas cabeludas na ponta do nariz e até no queixo, enquanto ela... Coitadinha! Não tinha uma só pinta na pele!

Feiurinha vivia desesperada, e até já tinha pensado em fugir. Só não fugia porque se lembrava muito bem do que tinham dito as três bruxas maldadas: beleza só havia ali, naquela casa. Fora dela, a menina só encontraria horrores e feiúras como ela mesma.

– Coitadinha! Que crueldade! Enganar assim a pobrezinha... – comentou Dona Bela-Fera.

Os poucos momentos em que Feiurinha tinha paz era quando as quatro bruxas saíam para suas maldades e a deixavam a sós com o Bode.

O Bode era seu único amigo. Um bode velho, com os pelos sujos, cheio de pulgas e piolhos, limpo e fedido como as bruxas. Mas era um amigo,

70

que acompanhava Feiurinha por todo lado, como um cão fiel.

Certo dia, as quatro foram embora depois de terem espezinhado especialmente a pobre Feiurinha, deixando-a só com o Bode e muitas tarefas domésticas a realizar.

Arrasada, tristíssima com a própria feiúra, a menina pegou um cântaro de barro e foi chorando no caminho até o rio, buscar água, sempre com o velho Bode atrás.

Ajoelhou-se à beira do riacho de águas calmas, e viu refletida sua imagem horrorosa, seus longos cabelos louros, cheirando alfavema, sua pele rosada, seus olhos de um azul profundo...

– Aí veio a bruxa por trás, ela viu a cara da bruxa refletida na água e pensou que era ela mesma!

– palpitou Dona Rosafior Della Moura Torta Encantado. – Justo o contrário da minha história. A bruxa que se chamava Moura Torta estava olhando para o rio, aí viu meu lindo rosto refletido na água e pensou que tinha ficado linda!

– Cala a boca, deixa a Jerusa continuar!

Ao lado de Feiurinha, estava o Bode, o único que parecia gostar dela, o único que não a maltrava.

71



— Ai, amigo, Bode, como eu sou infeliz! Belezinha e minhas madrastras até que têm razão de brigar tanto comigo. Para elas, deve ser duro ter de morar a vida inteira com uma menina tão feia, tão horrível e tão repugnante como eu!

O Bode continuou olhando para Feiurinha, mas seu olhar amigo não era um consolo.

— Se ao menos eu tivesse uma verruga! Uma verruginha só, para mostrar a elas que eu não sou tão feia assim...

Feiurinha, mirando-se no rio, começou a procurar atentamente em todo o rosto. Nada...

O Bode arregalou os olhos.

72

Depois pesquisou os braços, as mãos, os pés e as pernas. Nada!

E o Bode arregalando os olhos.

— Quem sabe não nasceu uma verruginha em alguma parte?

Tirou a saia e continuou procurando. Tirou as anáguas, o corpete...

O Bode arregalou ainda mais os olhos.

... até mirar-se nuazinha nas águas do rio.

Nesse instante...

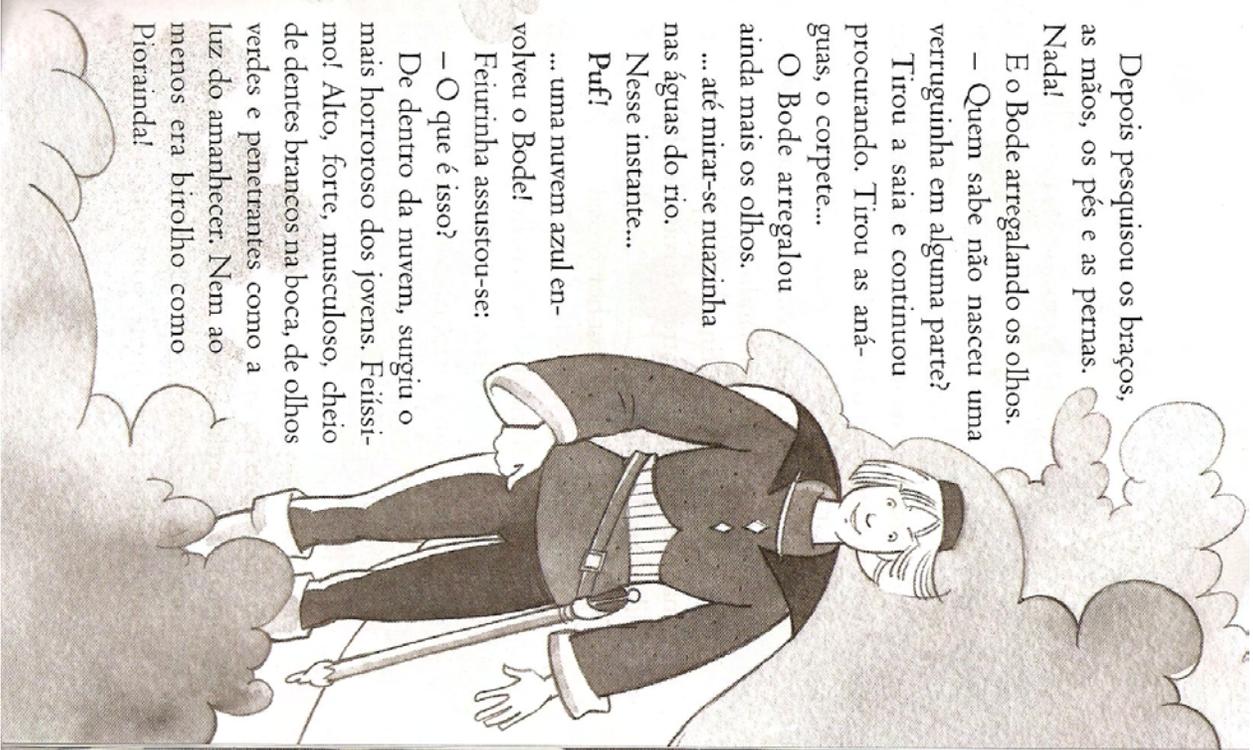
Pufi!

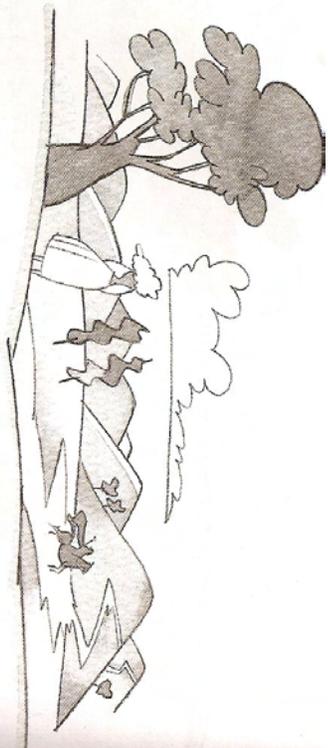
... uma nuvem azul envelopou o Bode!

Feiurinha assustou-se:

— O que é isso?

De dentro da nuvem, surgiu o mais horroroso dos jovens. Feíssimo! Alto, forte, musculoso, cheio de dentes brancos na boca, de olhos verdes e penetrantes como a luz do amanhecer. Nem ao menos era birrolho como Pioranda!





Assustada com tanta horripilância, Feiurinha tentou fugir, mas o braço forte do rapaz enlaçou-a pela cintura:

— Por favor, não fuja, Feiurinha! Passei esses anos todos ao seu lado, sonhando com esse momento. Eu sou um Príncipe Encantado que foi transformado em bode pelas três bruxas. Sua beleza me libertou da maldição!

— Beleza?! Mas eu sou horrórosa!

— Você é o anjo mais lindo da Terra, Feiurinha! Eu assisti, esses anos todos, à crueldade dessas bruxas que a enganaram fazendo-a pensar que o feio é bonito e o bonito é feio. Elas sim, são um horror. Eu vou mostrar-lhe a verdade. Você vai ver que o mundo todo cairá de joelhos diante de sua beleza!

— Tem... tem certeza?

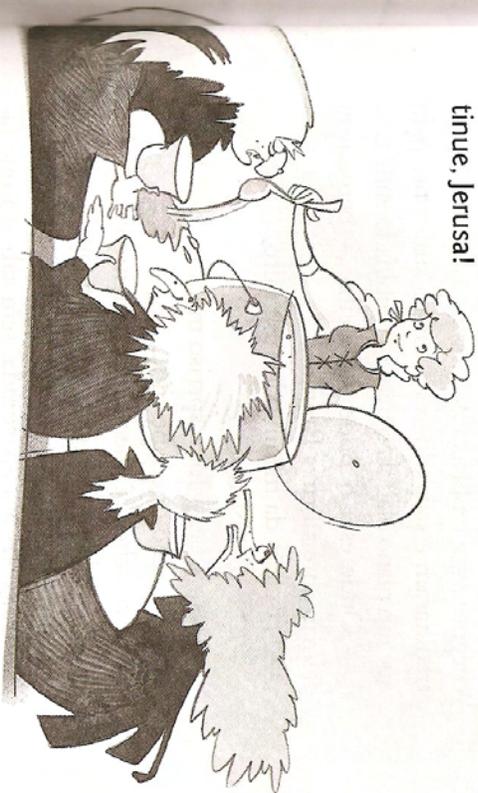
— Você vai ver, Feiurinha. Me espere. Vou voltar ao meu reino para retomar todas as posses e a fortuna a que tenho direito. Logo virei buscá-la. Espere por mim! Vamos nos casar e seremos felizes para sempre, para sempre, para sempre!

74

Feiurinha viu partir aquele jovem e ficou sentindo o calor de suas palavras, que lhe haviam enchido o coração de um sentimento, de uma paz, de uma confiança que ela nunca havia conhecido antes.

— Para sempre, meu Príncipe... — murmurou, sorrindo pela primeira vez na vida.

— Que lindo! — exclamou Dona Branca. — Continue, Jerusa!



Naquela noite, ao servir o jantar, Feiurinha parecia nem ouvir as provocações das bruxas. Só tinha pensamentos para o seu Príncipe, e não havia gozação de bruxa que a fizesse pensar em outra coisa.

75

A danada da Belezinha tentou de tudo. Quando não havia mais nada para tentar, jogou a última cartada: falou da verruga. Mas tudo que conseguiu de Feiturinha foi um sorriso.

Um sorriso! Nunca tinham visto uma coisa daquela. O que estaria acontecendo?

A bruxa Ruim olhou em volta, à procura do Bode, e foi a primeira a compreender. Depois foi Malvada, depois Pioranda. Quando, finalmente, chegou a vez da bruxa Belezinha, as quatro se entreolharam e seus olhares foram o suficiente para que um plano diabólico ficasse combinado entre elas.

— Onde está o Bode, Feiturinha? — perguntou calmamente a bruxa Ruim.

O coração da menina deu um salto.

— O Bode? Não sei...

— Não sabe? — foi o sorriso macabro de Malvada. — Eu acho que sabe sim...

— E eu acho até que você desenfitejou o Bode...

— brincou Pioranda exibindo a banguela.

Feiturinha recuou, olhando assustada de bruxa em bruxa. Estava apavorada, sem saber o que faziam as quatro. Belezinha aproximou-se amigavelmente.

— Ora, Feiturinha, não tenha medo. Nós sabemos que você desenfitejou o Bode. É pra isso que queríamos!

76



— Como? — perguntou a menina, timidamente, surpresa.

— É isso mesmo — reforçou Malvada. — Nós esperávamos, esse tempo todo, que você salvasse o Príncipe...

— Nós queríamos que você salvasse o Príncipe! — afirmou Pioranda.

Feiturinha estava confusa. Sorriu sem jeito, tentando entender melhor.

— Então... por que não me disseram antes?

77

— Porque não podíamos — respondeu Ruim. — Se contássemos, o seu poder de desencantar bodes perderia o efeito...

— Mas o Príncipe disse que foram vocês mesmas que o enfeitiçaram!

— Ele... disse isso? — hesitou Malvada. — O que foi que ele disse?

— Ele disse que foi transformado em bode pelas três bruxas...

Piorainda pareceu aliviada:

— Então, Feiurinha, não fomos nós. Ele disse três bruxas. E nós não somos bruxas. Nós somos... somos...

— Fadas! — ajudou Ruim. — Nós somos... eth... fadas!

— Isso! Somos fadas! — apoiou Belezinha.

As bruxas conseguiram enganar Feiurinha mais uma vez. A mocinha era ingênua, não conhecia nada do mundo e era muito fácil de convencer.

— Que bom! Então vocês vão ficar muito felizes em saber que o Príncipe prometeu casar comigo. Foi recuperar o reino dele e volta já, já pra me levar com ele!

— Mas que maravilha! — exclamou falsamente Malvada. — Então precisamos preparar você para o casamento. Piorainda! Vá buscar a pele de urso!

— Pele de urso? Ah, ah! Já estou indo!

Piorainda foi e voltou trazendo uma pele de urso castanho suja e malcheirosa.

— Aqui está, querida Feiurinha — ofereceu Malvada. — Este é nosso presente de casamento. Quem vestir esta pele de urso será linda para sempre e feliz por toda a eternidade!

— Obrigada — agradeceu Feiurinha. — Vocês são tão bondosas... Não precisavam se incomodar...

— Incômodo nenhum, queridinha — afirmou Piorainda. — É nossa obrigação...

— Vamos, vista a pele! — propôs Belezinha.

Iludida pela lábia das bruxas, Feiurinha colocou a pele de urso sobre os ombros. No mesmo instante...

Outro puf!

... uma nuvem cinzenta envolveu a menina!

Quando se dissipou, Feiurinha estava transformada numa bruxa tão horrível quanto as quatro ruindades que a haviam enganado!

— Socorro! O que está acontecendo comigo? — gritou a menina, tentando arrancar a pele de urso.



As quatro bruxas pularam e dançaram de felicidade em volta da nova companheira:

— Ah, ah! Agora você é uma de nós!

— Essa pele de urso é o feitiço mais poderoso da Terra. Torna velha uma mulher jovem e feia se ela for bonita!

— Pensou que podia fugir da gente? Ah, ah! Fuja agora!

— E não adianta tentar tirar a pele de urso. É um feitiço fortíssimo que só pode ser desatado por uma certa espada de prata!

— Onde estão seus dentes brancos, Feitirinha?

— Cadê seus cabelos de seda?

— E seus olhos de água?

— Agora você já tem verrugas! Ah, ah!

— Não está contente, Feitirinha? Vamos, dance com a gente!

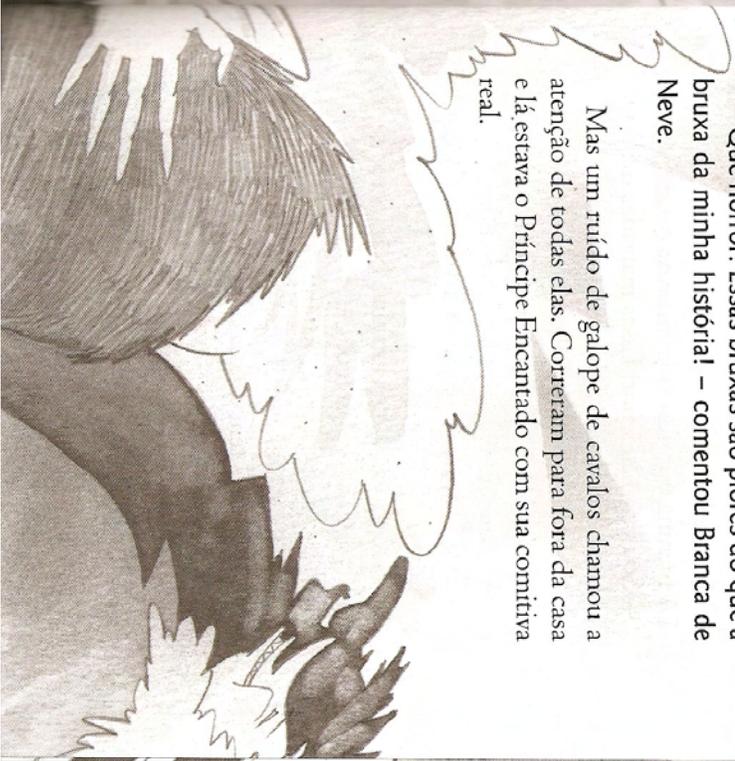


— Agora somos cinco! Ah, ah!

A nova bruxa só era bruxa por fora. Por dentro, continuava sendo a mesma menina, linda e inocente. Queria chorar, mas lágrimas não saíam de seus olhos de bruxa. Enterrou a cabeça nas roupas horrorosas que o feitiço fizera surgir sobre seu corpo e tentou tapar os ouvidos para escapar da louca festa das bruxas.

— Que horror! Essas bruxas são piores do que a bruxa da minha história! — comentou Branca de Neve.

Mas um ruído de galope de cavalos chamou a atenção de todas elas. Correram para fora da casa e lá estava o Príncipe Encantado com sua comitiva real.



– Príncipe? Que Príncipe? – perguntou Dona Branca.

– O Príncipe Encantado que vai casar com a Feiurinha...

– Ah, bom! Pensei que fosse o meu...

De cima do cavalo branco, o Príncipe estava ainda mais lindo, agora vestido de ouro e prata, como deve vestir-se um príncipe.

– Suas bruxas malvadas! – gritou ele. – Onde está Feiurinha?

A menina transformada em bruxa correu para ele: – Sou eu, meu amor! Essas malvadas me transformaram em bruxa! Salve-me!

No mesmo instante, Belezinha caiu de joelhos: – Não acredite nela, meu querido! Feiurinha sou eu. Eu é que fui enfeitada!

Malvada correu e agarrou as rédeas do cavalo branco:

– Não! Sou eu a Feiurinha! Não acredite em mentiras. Case-se comigo!

Dáí foi a vez da bruxa Ruim:

– Todas elas mentem, meu Príncipe! Eu sou Feiurinha! Você tem que casar comigo!

– Feiurinha sou eu! – gritou Pioranda. – Sou eu! Fui enfeitada para enganá-lo. Case-se comigo! Você prometeu!



– Bem parecido com a minha história – lembrou Dona Rosalor. – A Moura Torta também...

– Cala a boca!

– Continue, Jerusa, por favor!

O Príncipe desembainhou sua espada de prata. Estava colérico, disposto a tudo.

– Suas ruindades! O que fizeram com minha amada? Só uma de vocês está falando a verdade. Todas as outras mentem. Quando eu descobrir quem são, juro que vou cortar a cabeça de todas com esta espada!

– Isso mesmo! – concordou Piorainda. – Case-se comigo e mate as outras!

– Não! Comigo! – berrou Belezinha. – Morte às outras!

– É comigo que ele vai casar! – esgoelou-se Malvada. – Vocês todas vão ser degoladas!

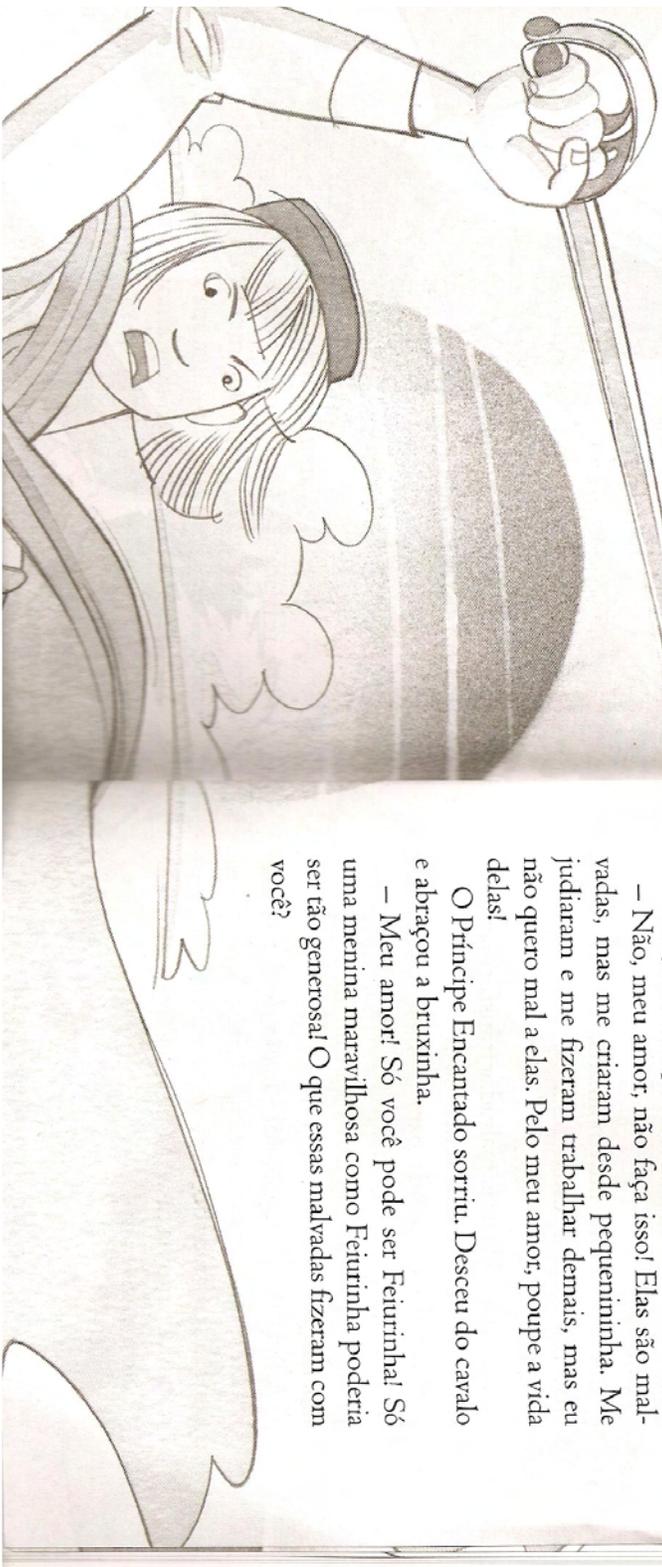
– Comigo! Que morram as outras! – gritou Ruim.

Nesse momento, a bruxa que havia sido Feiurinha ajoelhou-se e abraçou-se ao pé do cavaleiro.

– Não, meu amor, não faça isso! Elas são malvadas, mas me criaram desde pequenininha. Me judiaram e me fizeram trabalhar demais, mas eu não quero mal a elas. Pelo meu amor, poupe a vida delas!

O Príncipe Encantado sorriu. Desceu do cavalo e abraçou a bruxinha.

– Meu amor! Só você pode ser Feiurinha! Só uma menina maravilhosa como Feiurinha poderia ser tão generosa! O que essas malvadas fizeram com você?



— Elas me fizeram vestir esta pele de urso. É um feitiço que me transformou em bruxa. Só pode ser desatado por uma certa espada de prata...

— Então, que essa espada de prata seja a minha espada! — decidiu o Príncipe, cortando a pele de urso com um golpe certeiro de sua espada!

Um trovão estourou os céus!

Bruuum!

E, no lugar da bruxa repelente, a linda imagem de Feurinha voltou a encantar os olhos do Príncipe!

O trovão foi seguido por um relâmpago. Que soltou quatro raios sobre as quatro bruxas!

Cráááá!

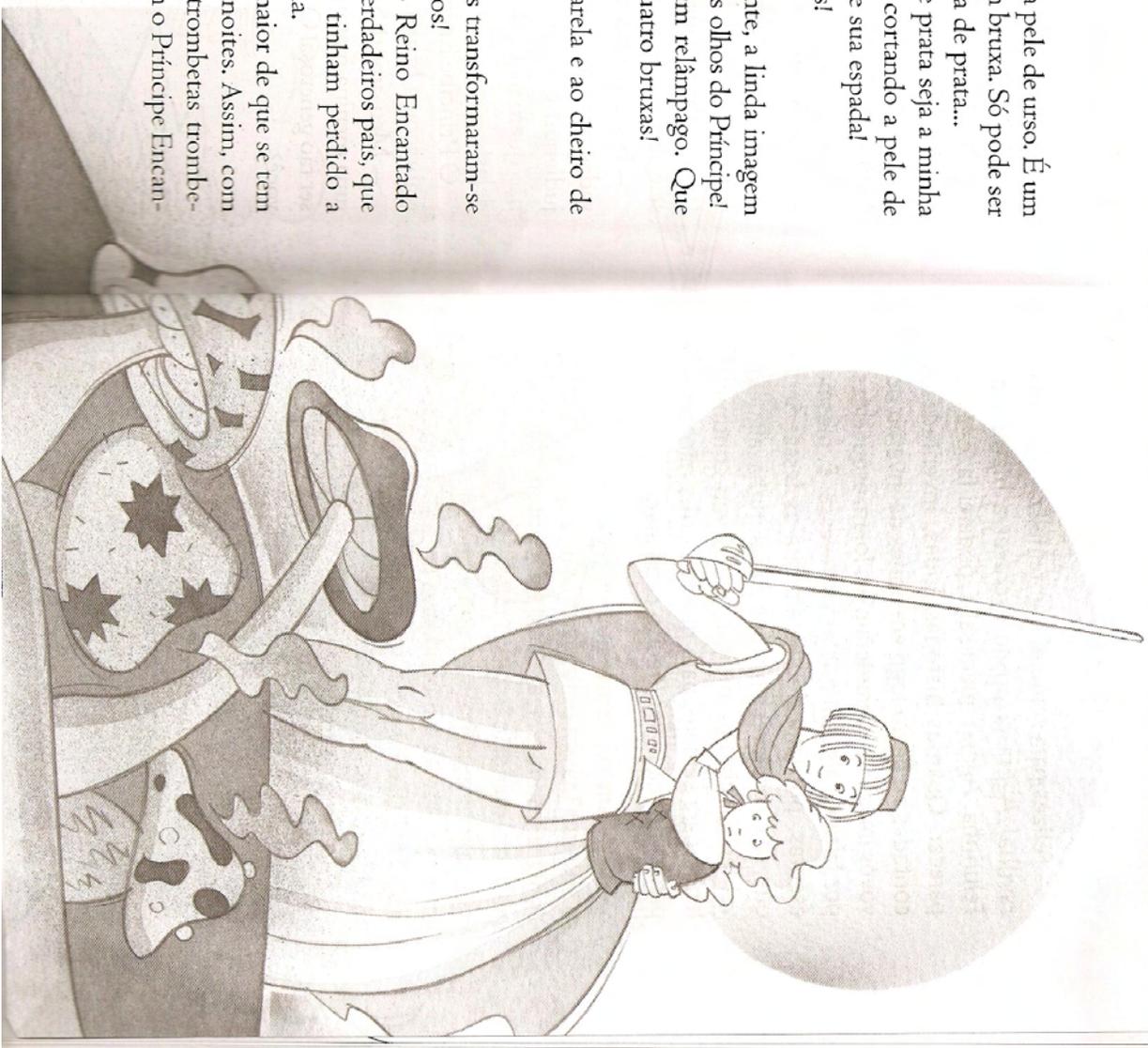
Em meio a uma nuvem amarela e ao cheiro de enxofre e gases de cadáveres...

— **Aaaaah...**

... as quatro bruxas malvadas transformaram-se em quatro cogumelos venenosos!

Feurinha foi levada para o Reino Encantado do Príncipe e encontrou seus verdadeiros pais, que já estavam velhinhos mas não tinham perdido a esperança de reencontrar a filha.

A festa de casamento foi a maior de que se tem notícia e durou três dias e três noites. Assim, com a multidão gritando, com as trombetas trombeteando, Feurinha casou-se com o Príncipe Encantado e eles viveram...



– Felizes para sempre! – gritei feliz. – Que maravilha! Agora já posso escrever a história da Feiurinha. Agora, quem sabe, poderei fazê-la parecer. Quantas histórias lindas, inventadas e contadas ao pé do fogo em noites de inverno por vovós imaginosas, perderam-se, foram esquecidas, por falta de alguém que as escrevesse. E, mesmo escritas, por falta de alguém que as lesse! Será que, se eu escrever a história da Feiurinha, alguém vai ler? E será que muitos outros vão continuar lendo para sempre, para que Feiurinha não desapareça nunca mais? Preciso caprichar...

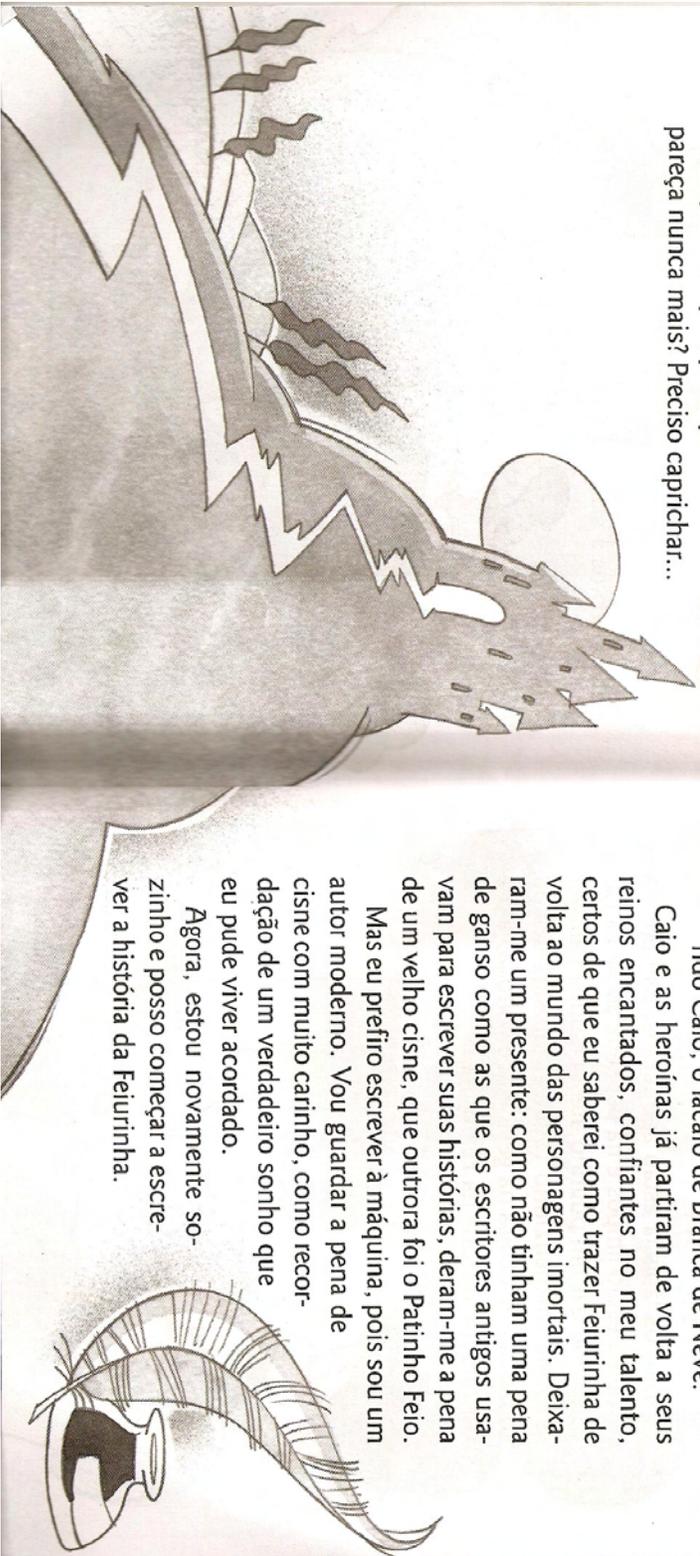
CAPÍTULO ZERO, QUASE CAINDO NO UM

FE

foi essa a confusão em que eu me envolvi quando me entrou pela sala adentro o colarido Caio, o lacaios de Branca de Neve.

Cairo e as heroínas já partiram de volta a seus reinos encantados, confiantes no meu talento, certos de que eu saberei como trazer Feiurinha de volta ao mundo das personagens imortais. Deixaram-me um presente: como não tinham uma pena de ganso como as que os escritores antigos usavam para escrever suas histórias, deram-me a pena de um velho cisne, que outrora foi o Patinho Feio. Mas eu prefiro escrever à máquina, pois sou um autor moderno. Vou guardar a pena de cisne com muito carinho, como recordação de um verdadeiro sonho que eu pude viver acordado.

Agora, estou novamente sozinho e posso começar a escrever a história da Feiurinha.



CAPÍTULO UM

Bem, os lápis já estão apontados, os tipos da máquina estão limpos e há papel de sobra na gaveta. Vou dar um pulinho até a cozinha para ver se Dona Chapuzinho (aquela gulosa!) deixou sobrar alguma coisa na geladeira e volto já, já pra continuar a história da Feiurinha...

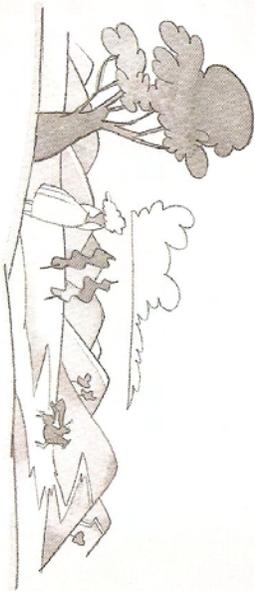


Quem é Abelino Guedes

Eu sou ilustrador, aquele cara que enche de figurinhas a história do autor. Parece pouco quando a gente fala desse jeito, mas eu acho (claro!!!) o meu tipo de trabalho, o desenho, um grande barato. E quando a gente ilustra textos como os do Pedro Bandeira, aí tudo fica mais divertido. Alguns autores, como ele, têm muita facilidade para criar personagens que fazem a festa dos ilustradores. São gostosos de desenhar.

O desenho começou muito cedo na minha vida, mais ou menos aos quatro anos de idade, pelo que dizia minha mãe. Toda criança desenha — desenhar é uma das nossas primeiras formas de comunicação. A maioria não continua, mas eu, não sei por quê, fui em frente e acabei fazendo disso a minha profissão. Estudei em muitas escolas, fiz desenhos para vitrines, propaganda, quadrinhos, mas foi no desenho infantil que eu encontrei um caminho onde me dei bem, onde pude desenvolver um trabalho que me dá muita satisfação.

Como ilustro há muito tempo, já fiz trabalhos para a maioria das editoras de São Paulo, como FTD, Moderna, Scipione, etc. De vez em quando recebo cartas de escolas e de crianças que leram ou fizeram trabalhos sobre algum livro meu. E é muito gostoso sentir o carinho, o envolvimento e as sugestões que elas dão, sempre enriquecendo o meu trabalho.



ANEXO 5
QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS(ÀS) ALUNOS(AS) DAS ESCOLAS I E II

Nome: _____ Idade: ____ anos.
Telefone: _____

Nome do pai (se houver): _____
Profissão: _____

Nome da mãe: _____
Profissão: _____

Endereço:

Rua: _____ nº: _____

Bairro: _____

E-mail: _____

- a) Você tem um *hobby*? Quela é o seu *hobby* preferido? Por quê?
- b) Você gosta de algum programa de TV? Qual é o seu programa de TV preferido? Por quê?
- c) Você gosta de ler livros? Que tipo de livro você gosta de ler? Por quê?
- d) Você se considera pertencente a qual classe social? O que acha disso? por quê?
- e) Você se considera pertencente a qual raça (etnia)? O que acha disso? Por quê?
- f) Você se considera mais masculino(a) ou feminino(a)? Por quê? E o que você acha disso?
- g) Você pensa em ter uma profissão no futuro? Qual? Por quê?
- h) Você tem irmãos(ãs)? Quantos homens e quantas mulheres? Gostaria de ser filho(a) único(a) ou de ter mais irmãos(ãs)? Por quê?

Muito obrigada!!!!

Cecília